

Nação indígena cresce 30 por cento

É O QUE APONTA CENSO REALIZADO RECENTEMENTE PELA OPERAÇÃO AMAZÔNIA NAIVA (OPAN) EM TODO O PAÍS

NEUMANN RIBAS
Reportagem Local

Apesar de todos os problemas existentes, a nação indígena brasileira vem registrando um crescimento demográfico. O aumento da população nos últimos dez anos chega a 30%, é o que aponta um censo realizado recentemente pela Operação Amazônia Nativa (Opan). O censo atingiu especificamente a nação dos índios paresi, mas reflete a realidade das nações como um todo, explica a professora Andrea Jakubaszko, membro da Opan que participou na análise dos dados do censo. Segundo ela, este crescimento populacional possivelmente está relacionado a uma relativa estabilidade na demarcação e homologação da terra indígena. "No caso dos paresis, hoje eles deixaram de ser nômades e tem sua área demarcada. Apesar que ela não corresponde a um terço da área que a nação dispunha no passado", frisou.

Durante a realização deste censo, foram entrevistados 1.010 paresis, mas a Opan acredita que o número de membros desta nação em Mato Grosso chegue a 1.100. Eles ocupam o Chapadão dos Parecis, na região de Brasnorte, Juina e Juara. De acordo com Andrea, durante a realização do censo os integrantes da Opan tiveram oportunidade de mais uma vez ouvir as reivindicações, reclamações e, principalmente, suas cobranças em apelo as instituições governamentais ligadas diretamente defesa dos direitos dos índios no País. A nação dos paresis foi uma das primeiras que manteve contato com a civilização, cerca de 300 anos atrás, durante as incursões dos bandeirantes em nosso Estado.

Mas a realização deste primeiro censo aprofundado pela Opan tem como meta principal levantar dados para a implantação e desenvolvimento de projetos, em várias áreas do atendimento global ao índio. Estes dados apontam que, como a população branca, a indígena possui um número infinitamente maior de crianças e jovens em detrimentos aos adultos e velhos.

Projetos

Hoje a Opan desenvolve projetos globais em quatro áreas específicas: saúde, educação, economia e nas questões relativas às terras dos índios. A mais complexa de todas é a da economia, afirma Andrea. "Nela estão incluídos vários projetos de plantio, criação de pequenos animais, piscicultura, entre outros, que buscam dar auto-sustentabilidade aos povos. Muitas vezes é difícil se trabalhar com pequenos projetos enquanto a ordem mundial é a globalização", frisou a professora.

Relata que uma das maiores dificuldades enfrentadas por estas nações hoje é a ocupação das áreas ao redor das reservas. "Basicamente a nossa população indígena é formada por comunidades de caçadores e coletores. Mas verificamos que a caça vem se extinguindo pela ocupação e degradação das áreas no entorno das reservas. É por isso que precisamos criar opções e novas alternativas para subsistência destas comunidades", salientou Andrea.

Discurso

Apesar do discurso assistencialista e da atitude paternalista dos governos ao longo dos anos, hoje os índios cobram uma maior independência destas instituições. Reclamam da falta de recursos, e principalmente, de assistência que possibilite que produzam em suas terras. Destacam que falta respeito pelo manejo e pelo modo que as tribos optam por produzir seus alimentos.



Um dos fatores deste crescimento pode estar na demarcação de áreas, diz professora



Em Mato Grosso, algumas festas anuais contam, inclusive, com participação de políticos

Projetos contemplam os setores de educação e saúde

Reportagem Local

Já existem vários projetos de atendimento à saúde e educação dos povos indígenas de Mato Grosso em andamento. Atualmente, dos sete implantados na região amazônica, três estão sendo desenvolvidos com índios que integram algumas das 35 etnias do Estado. Segundo a professora Andrea Jakubaszko, que atua junto a Opan, os projetos ligados à saúde indígena tiveram seu início há 30 anos, quando passou-se a discutir a formação de agentes de saúde para trabalhar nas tribos. "Em cada aldeia o responsável pela

saúde da comunidade é o pajé. Mas após o contato com o homem branco, várias doenças vindas deste contato, como a gripe, tuberculose, malária e a aids começaram a infectar os índios. Com isto foi necessário utilizar os medicamentos do branco, fazer um diagnóstico e tratamento, primeiro para se conhecer e estudar seus efeitos nos índios", relatou.

Segundo ela, hoje facilmente podemos encontrar farmácias para venda de remédios acidentais aos índios. Mas no caso das doenças sexualmente transmissíveis, entre elas a aids, a atuação ainda está restrita a prevenção e

educação, lamenta Andrea.

As escolas de 1ª a 4ª série também se fazem presentes nas aldeias de Mato Grosso. "Mas a evasão nas séries posteriores é muito grande, por isso existem projetos para implantar nas aldeias turmas de 5ª a 8ª séries", relata Andrea. Segundo a professora, é importante a discussão sobre um currículo diferenciado para as nações indígenas, bem como a implantação de uma escola bilingue diferenciada. Ela lembra que alguns Estados já se sensibilizaram com isto e vêm investindo em projetos que atendam a esta reivindicação. (N.R)

EM CADA ALDEIA, RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DO POVO É O PAJÉ

OPAN ESTÁ EM MT DESDE 79

Vários projetos são desenvolvidos com as comunidades em todo o Estado

Reportagem Local

A Operação Amazônia Nativa (Opan) é uma entidade indigenista, fundada em 1969 em Santa Catarina e que se instalou em Mato Grosso a partir de 79. Ela desenvolve projetos de trabalho junto às comunidades, na região Centro-Oeste e Norte do Brasil. Os membros da Opan são técnicos de diversas profissões, que atuam nos campos da saúde, educação, economia, defesa da terra e organização indígena. São distribuídos em equipes locais para a execução de projetos de prestação de serviços às comunidades indígenas. Atuam de forma voluntária, semi-voluntária ou remunerada, mantidos por recursos oriundos de entidades internacionais.

As linhas de ação da Opan acentuam a convivência no dia-a-dia, o aprendizado das línguas, o incentivo às práticas e tradições culturais e a prestação de serviços efetivos às comunidades indígenas. Como prioridade, os projetos são destinados às comunidades mais isoladas, abandonadas ou ameaçadas.



Defesa da terra e organização indígena em primeiro plano

O projeto Educação Indígena em Mato Grosso teve início em 93, junto aos paresi, autodenominado Haliti, da família Aruak, habitantes do cerrado, no noroeste de Mato Grosso. A Opan manteve uma atuação junto aos paresi, nos anos 70, desenvolvendo ações nos campos da saúde, defesa da terra e de alternativas econômicas. A retomada deste trabalho visa acompanhar e formar professores para as escolas. Contando com o apoio das

prefeituras de Tangará da Serra e Campo Novo, a equipe organizou cursos e encontros com os professores, discutindo também uma atenção maior do Estado, apoiando o projeto Tucum que visa habilitar professores indígenas em nível de magistério. O projeto da Opan está participando deste processo e buscará formular currículos em todas as disciplinas, envolvendo os professores e as comunidades. (N.R)